



Disponível em
<http://www.desafioonline.com.br/publicações>
Desafio Online, Campo Grande, v. 2, n. 1, Jan./Abr. 2014



A EDUCAÇÃO BANCÁRIA NA UNIVERSIDADE CORPORATIVA A LUZ DA PEDAGOGIA CRÍTICA – UMA REFLEXÃO

Glauber de Almeida Freitas Santos¹
Universidade Metodista de São Paulo
Mestrando em administração
glauberafs@gmail.com

Gilson Mendes Pinto
Universidade Metodista de São Paulo
Mestrando em administração
gilson.mp@hotmail.com

Marcos Novaes
Universidade Metodista de São Paulo
Mestrando em administração
marcos.novaes@uol.com.br

Resumo

As profundas mudanças no cenário econômico mundial das últimas décadas trouxeram uma nova realidade de mercado. A franca expansão do consumo e as alterações na forma e intensidade em que este consumo ocorre, desencadeou profundas alterações na economia, nas empresas, nas instituições e até mesmo na educação de nível superior no Brasil. Frente a esta nova realidade as instituições de ensino superior passaram a buscar novas estratégias que as permitissem atender às necessidades impostas pelo novo cenário econômico expandindo a diversidade e as modalidades de cursos ofertados. Instituições passaram a propor e implantar mudanças drásticas em seus programas educacionais que podem ter desviado o foco da essência da universidade e é neste aspecto que este artigo de cunho exploratório realizado através da análise de conteúdo, busca trazer uma reflexão sobre o distanciamento dos objetivos básicos das universidades tradicionais e a influência da educação bancária sobre as universidades corporativas brasileiras.

Palavras- chave: Educação bancária, Universidade Corporativa, pedagogia crítica.

1

Mestrado em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de São Paulo – São Bernardo do Campo – SP – Professor SENAC – Santos e Unidez –Praia Grande- SP. Fone: 13 98182-8683

Abstract

The profound changes in the global economy of recent decades have brought a new market reality. The growing expansion and changes in shape and intensity in which this consumption occurs triggered major changes in the economy businesses institutions and even in tertiary education in Brazil. Faced with this new reality institutions of higher education began to seek new strategies that allow the needs imposed by the new economic scenario expanding the diversity and modalities of courses offered. Institutions began to propose and implement drastic changes in their educational programs that may have diverted the focus of the essence of the university and this is where this article exploratory conducted through content analysis seeks to bring a reflection on the distance of the basic objectives of traditional universities and the influence of education on Brazilian bank corporate universities.

Key words: Banking education, corporate university, critical pedagogy.

1. INTRODUÇÃO

O papel da universidade cada vez mais se torna foco de constantes reflexões e discussões no mundo contemporâneo, vivemos em um mundo de grande e rápida transformação nos últimos séculos, recentemente com o advento da tecnológica e o impacto gerado por sua capacidade de alterar rápida e profundamente tudo o que conhecemos coloca cada vez mais em xeque processos, práticas e instituições até então ditas como sólidas. Tal reflexão se vê ainda mais necessária quando somamos a este cenário a importância e a dominância imposta pelo capital ao estilo de vida atual, evidenciando uma sociedade constituída e direcionada pela velocidade das mudanças e o poder econômico alicerçando as bases para decisões importantes em todas as esferas da sociedade.

Estamos constituindo e construindo uma sociedade cada vez mais baseada em algoritmos e métricas, quer seja em sistemas de buscas e armazenamento de dados eletrônicos, ou, em uma sociedade cada vez mais influenciada por métricas matemáticas estabelecidas no cumprir metas e alcançar objetivos matemáticos, uma sociedade baseada no conquistar e no possuir como base fundamental de sucesso em nossa sociedade contemporânea. É frente a este cenário que a reflexão sobre educação de nível superior no

Brasil ganha evidência na busca de adequar-se e atender as necessidades de formação superior.

Uma das respostas encontradas pela sociedade ao pressuposto foi dada com o surgimento e a expansão das Universidades Corporativas que foram fortemente influenciadas quando de sua criação pela necessidade imposta pelas empresas em formar e preparar profissionais que atendam suas demandas mercadológicas. Esse artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o emprego do conceito da educação bancária nas universidades corporativas na formação discente a luz da pedagogia crítica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Universidade tradicional ou moderna, segundo Singer, surgiu na Alemanha no século XIX, “tinha por missão produzir conhecimento científico e cultura leiga, e preparar uma pequena elite de profissionais, portadores deste conhecimento e desta cultura.” (SINGER, 2001 p.307). Esta universidade produtora de ciência social como conhecemos deu lugar a uma universidade voltada para ciência aplicada em meados do século passado por influência dos Estados Unidos que se abriu para novos estudos e aplicações.

A universidade Americana superou a Alemã “tornando-lhe o lugar de produtora mais importante do mundo de conhecimentos científicos. O que deve ter algo a ver com a superioridade competitiva da indústria norte-americana em relação à alemã, que já começava a tomar forma no início deste século e tornou-se indubitável após a primeira guerra mundial.” (SINGER, 2001 p.308).

Na Universidade tradicional a formação discente segundo o pensamento Freireano evidencia-se a essência do papel do educador (FREIRE, 1970). O educador como primeiro conceito deve ser um orientador, um guia onde o educando se espelha e possa ter um exemplo, principalmente possa ser uma referência de repositório de conhecimento que serão fundamentais para a formação do aluno como ser humano e cidadão.

Antes de formá-lo especialista em determinada função é necessário que a formação seja feita pelos conceitos da ética, da capacidade de reflexão e do cidadão que precisa ir para o mercado de trabalho e não praticar atos que não estejam de acordo com os valores que ele aprendeu com o seu educador. Freire prega uma educação para todos ao contrário do que fala quando especifica a educação bancária:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.”

(FREIRE, 1970 p.34)

Freire destaca que os alunos que recebem essa educação são os oprimidos, influenciados pelo poder de um sistema com grande capacidade de manipulação. É neste cenário econômico que em meados do século passado surge nos EUA a Universidade corporativa como a conhecemos como forma de resposta à necessidade ao mercado. “A primeira universidade corporativa foi criada pela General Electric, nos EUA, em 1955, embora exista quem diga que foi a da Motorola, criada em 1983, em Chicago.” (VERGARA, 2000 p.182).

No Brasil, segundo pesquisas apontam que existem apenas cerca de 20 a 60 Universidades Corporativas, nos Estados Unidos este conceito é bem mais difundido com um número bem maior de Universidades Corporativas implantadas e presentes quase que na maioria das grandes corporações como Disney, Motorola, McDonald’s, General Electric, Xerox, Southwestern Bell, AT&T, Daimler-Benz, Oracle dentre outras várias que investem na formação corporativa direcionada para seus profissionais. Existem prós e contras na formação corporativa, um dos aspectos mais atrativos é que os estudantes serão treinados, preparados e capacitados para determinadas funções que já exercem ou podem exercer dentro de suas organizações, garantindo que seus profissionais concentrem sua capacidade de aprendizagem direcionada aquela empresa, negócio ou segmento específico.

O conceito de aprendizagem organizacional está diretamente ligado à evolução ou a um retrocesso dos preceitos tradicionais de educação.

O conceito de aprendizagem organizacional, que fundamenta a educação corporativa, ganha cada vez mais espaço, deixando educadores e pesquisadores receosos frente à possibilidade de as universidades corporativas assumirem um papel dentro do contexto do Ensino Superior para o qual, segundo nos parece, não se mostram preparadas (SILVA; BALZAN, 2006 p.234).

Portando pode-se compreender que a Universidade Corporativa é uma forma de treinamento ou instrução de profissionais, que buscam uma educação para o mercado. Segundo Dias Sobrinho (2005, p. 164-165) “a globalização exerce hoje pesadas pressões, a maioria delas marcada pelos sinais da urgência e das contradições. As universidades sofrem pressões contraditórias num cenário de turbulências e encruzilhadas, para o qual não se sentem preparadas a responder.”

É possível relacionar a expansão das Universidades Corporativas com o histórico da necessidade de aprendizagem organizacional ou empresarial com o surgimento das redes organizacionais.

As redes tiveram início com mudanças no cenário econômico e organizacionais a partir de meados dos anos 60, passando por um período de prosperidade e desenvolvimento econômico, que foram sucedidos por crise, altas taxas de desemprego e inflação (LOPES; MORAES, 2000, p.14).

Além disso, não se pode deixar de destacar o fator histórico que levou a esse ponto, que passou além das necessidades das empresas por um período de aumento do nível de escolaridade das pessoas, que passaram de ensino básico sua maioria, por um processo de massificação do ensino, que se deu início nos Estados Unidos na terceira revolução industrial, nas décadas de 80 e 90 (SINGER, 2001), desovando nos mercados profissionais com maior escolaridade e poder de compra.

A crise da universidade decorre das tensões provocadas por esta multiplicidade de funções, que provocam choques agudos entre concepções ideológicas sobre a “verdadeira” missão da universidade e entre interesses de diferentes setores do mundo universitário, contrapostos em função da maior ou menor demanda “solvable” pelos seus conhecimentos. Estando a sociedade civil e política, em quase todos os países, dividida entre uma posição neoliberal, que atrai a maioria dos que têm ou acreditam ter vantagens competitivas em mercados abertos, e uma posição intervencionista do Estado na economia, que tem o apoio da maioria dos que se percebem inferiorizados em competição não-regulada, é inevitável que a comunidade universitária esteja dividida de maneira análoga (SINGER, 2001 p.308)

As organizações intensificaram uma prática já conhecida, porém até então menos usada que é o além fronteiras, o desenvolvimento de transações comerciais internacionais, “isso reflete uma situação parecida com a existente no início do século XIX, onde os países europeus se engajaram na conquista de colônias na África e Ásia para garantir consumidores para os produtos fabricados nas metrópoles.” (LOPES; MORAES, 2008 p.3). Já nos anos 80, o além fronteiras foi de suma importância na era da incerteza, onde a inovação passou a ser base para a sobrevivência.

Tais conceitos nos levam a discutir a necessidade do aumento da aprendizagem organizacional para que as empresas possam participar de redes e ser cada vez mais competitivas. Trazendo esta análise à luz do conceito de poder de Foucault (HILÁRIO; CUNHA, 2012) merece destaque o pensamento do filósofo na qual é possível fazer aproximações com o pensamento de freireano e o tema central que são as Universidades Corporativas (FREIRE, 1970). As Universidades Corporativas são fruto de um processo previamente dito de necessidades de sobrevivência das empresas que passam por uma maior necessidade de aprendizagem e o aumento da participação em mercados do além fronteiras.

Com as empresas inseridas na era da incerteza, as Universidades Corporativas chegaram para ajudar a qualificar os funcionários para essa nova realidade buscando auxiliar o esforço de manutenção da empresa em altos patamares de produção e na manutenção do sistema de poder ativo na sociedade.

As necessidades das pessoas são manipuladas por meio das relações entre produção e consumo, orientando a vida das pessoas. Com isso, o comportamento passa a ser disciplinado e caracterizado como irresponsabilidade social, caso o comportamento padrão não seja seguido (FARIA; MENEGHETTI, 2011 p.434).

Tal comportamento que os autores se referem se trata do poder imposto pela sociedade capitalista sobre as pessoas, induzindo-as ao consumo e a ter comportamentos sociáveis de acordo com padrões estabelecidos. Caso isso não ocorra haverá uma punição e o sujeito poderá ser isolado da sociedade (FOUCAULT, 2009).

A pedagogia crítica “questiona as ideologias gerencialistas, as técnicas de legitimação e o poder usando uma filosofia crítica para abordar a questão da natureza do conhecimento e da educação, encorajando os estudantes a construir uma reinterpretação crítica do management e da teoria organizacional (PAULA; RODRIGUES, 2006, p.16).

Neste cenário se estabelecem as Universidades Corporativas, amparadas por patrocinadores sedentos por colaboradores com a capacidade de atingir metas sem a preocupação de pensar, analisar e refletir sobre os temas cruciais que podem alterar e melhorar as estratégias das empresas num mercado cada vez mais competitivo e com tendências a monopólios em determinados setores. Criando um aposto ao conceito de Universidade Tradicional, onde a forma de educação passa primar pelo pensar, analisar e refletir sobre temas cruciais da sociedade e das organizações.

A educação bancária, segundo os conceitos de (FREIRE, 1970) é uma das formas da educação ser tratada pelo mundo, uma educação narrativa, onde os professores assumem o papel de um simples narrador de conteúdo e o aluno passivamente ouve. O educador, segundo Freire:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito,

cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Dai que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (FREIRE, 1970 p.33)

Dessa forma, Freire enfatiza que a educação é um ato de depositar informações nos alunos. Esse depósito apenas com o objetivo de reprodução condiciona o educando a uma realidade e forma de ensinar que o leva a alienação e o distancia do refletir, do pensar sobre algo que aconteça e traz a cegueira do conhecimento (MORIN, 2011).

Tal forma de abordagem segundo BURGOYNE (1997) pode resultar em resistência dos próprios professores, uma vez que muitos podem acreditar que uma abordagem crítica e reflexiva pode afastar os alunos, bem como ser mais trabalhosa de introduzir no decorrer de uma aula ou até em um curso inteiro.

3. METODOLOGIA

Neste artigo, o objetivo é buscar trazer uma reflexão baseada em pesquisas sobre o assunto e exploração do tema educação bancária. Por se tratar de um tema cujo conhecimento é incipiente, o estudo se caracteriza como exploratório pela a reflexão sobre o distanciamento dos objetivos básicos das universidades tradicionais e a influência da educação bancária sobre as universidades corporativas brasileiras.

Conforme Gil (2002, p. 42), "as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis". Nesse contexto, fez uma leitura dos principais autores sobre o assunto e uma exploração do tema baseado nos conceitos apresentados, focando na cronologia dos fatos históricos e os principais pensadores que giram em torno das reflexões de Paulo Freire, ator central que norteou o artigo.

Segundo Trivinos (1987), o estudo exploratório preocupa-se em observar os fatos e fenômenos, analisá-los e compará-los as diversas realidades que se possa enquadrá-lo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que o papel do educador em uma Universidade Corporativa é o de melhorar e formar através dos preceitos estabelecidos pelo management, na teoria da educação bancária a aprendizagem organizacional e as práticas gerenciais são direcionadas para o ato de treinar alunos, onde os próprios alunos esperam uma educação direcionada para a resolução dos problemas do dia a dia através de formulas prontas e que possam ser replicadas de forma a se obter os resultados exatos que o professor expõe, sem a inclusão de nenhum tipo de reflexão, questionamento ou contraproposta. Identifica-se nas Universidades Corporativas a tendência a estimular o professor a sempre proporcionar o caminho pré-definido e de forma já pensada ou vivenciada através de algo já pensado e pronto, sem, entretanto, criar caminhos para a reflexão e o pensar sobre o tema. Identifica-se ainda nas Universidades Corporativas a pratica do ensino baseada em textos e materiais que refletem modismos da vida corporativa com a adoção de materiais, títulos e artigos que por vezes desconsideram a fundamentação teórica adequada e baseada em autores clássicos com objetivo de inserir um processo de discussão aberto e produtivo em sala de aula com luzes a poder permitir aos educandos criar massa crítica e capacidade analítica frente à diversidade de informações. Outro aspecto a ser tratado e melhor compreendido e definido é o fato das Universidades Corporativas na grande maioria dos casos não emitirem certificação validada pelos órgãos educacionais competentes em oposição as Universidades Tradicionais. Fato este que gera desconforto ao mercado corporativo e aos educandos sobre a necessidade de formação corporativa válida e a formação tradicional certificada que possa fazer frente às respectivas demandas de mercado e de formação a que educandos e corporações serão expostos cotidianamente.

A aproximação de Universidades Tradicionais e Corporativas deverá contribuir com aspectos mais “tradicionalis” na formação dos educandos sobre o aspecto aprender a pensar e refletir sobre temas importantes e inerentes ao mundo contemporâneo, assim como, permitir aos educandos a devida certificação em conjunto com uma formação também voltada ao treinar, preparar e ao condicionar de forma a atender o mundo corporativo que considera em sua formação aspectos importantes e relevantes aos objetivos dos patrocinadores que é direcionar seus funcionários para a maior produtividade e consequente capacidade de entrega de resultados. Não podemos deixar de abordar nesse artigo e recomendar como pesquisas futuras uma profunda análise curricular por parte das

Universidades Tradicionais como base para o início de aplicações de disciplinas direcionadas a uma nova abordagem voltada para a reflexão e a crítica que possam trazer consigo disciplinas capazes também de atender as necessidades mercadológicas.

REFERÊNCIAS

BURGOYNE, J.; REYNOLDS, M. (eds.) **Management learning: integrating perspectives in theory and practice**. London: Sage, 1997.

DIAS SOBRINHO, J. Concepções de universidade e de avaliação institucional. In: TRINDADE, H. (Org.). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FARIA, J. H. DE; MENEGHETTI, F. K. **Burocracia como organização, poder e controle**. rae -revista de administração de empresas, v. 51, n. 5, p. 424-439, out 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 1970.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILÁRIO, L. C.; CUNHA, E. L. **Michel Foucault e a Escola de Frankfurt: Reflexões a partir da obra crítica do Poder, de Axel Honneth**. Trans/Form/Ação, v. v. 35, n. , p. 157-188, 2012.

LOPES, H. E. G.; MORAES, L. F. R. DE. Redes e organizações: algumas questões conceituais e analíticas. **EnEO - Encontro de estudos organizacionais. Anais ANPAD**. Curitiba: ANPAD, 2000. p. 1-14.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

PAULA, A. P. P. DE; RODRIGUES, M. A. Pedagogia crítica no ensino da administração: desafios e possibilidades. **Enanpad**, p. 1-16, 2006.

SILVA, M. W. DA; BALZAN, N. C. Universidade Corporativa : (Pré-) tendência do Ensino Superior ou ameaça ? **Revista de avaliação da educação superior**, v. v.12, n.2, p. 233-256, 2006.

SINGER, P. A universidade no olho do furacão. **Estudos avançados - Revista do IEA-USP - Edição Especial, vol. 15, número 42**, v. 15, n. 42, p. 305-316, 2001.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa qualitativa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, S. C. **Universidade corporativa : a parceria possível entre empresa e universidade tradicional.** São Paulo: Atlas, 2000.